Revista da ANPEGE. v. 16. nº. 31, p. 377 - 404, ANO 2020. e-ISSN: 1679-768X
https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/anpege. // DOI 10.5418/ra2020.v16i31.13012

UMA IMAGEM DA PRODUÇÃO EM GEOGRAFIA E LITERATURA NO BRASIL

AN IMAGE OF PRODUCTION IN GEOGRAPHY AND LITERATURE IN BRAZIL

UNA IMAGEN DE PRODUCCIÓN EN GEOGRAFÍA Y LITERATURA EN BRASIL

Felipe Moura Fernandes - ISAT

RESUMO

Este texto é parte de uma pesquisa de doutoramento que atinge a forma de artigo. É nossa preocupação não comprometer a investigação de origem e a perspectiva metodológica alcançada. Nestes termos, destacamos que o objetivo geral consiste em conhecer o campo de pesquisa que tem se dedicado a elaborar trabalhos sobre geografia e literatura no Brasil, uma vez que esse campo vem crescendo e dialogando com diferentes perspectivas teóricas, tais como a fenomenologia e a teoria literária. Nestes termos, o "caminho" encontrado para trabalhar com os dados obtidos nos periódicos e o seu tratamento qualitativo e quantitativo expressa escolhas concernentes ao objetivo da pesquisa e à intenção do autor. Desta forma, vale dizer que outros autores com os mesmos dados podem chegar a resultados diferentes, sem nenhum desmerecimento de suas escolhas e resultados. Enfatizamos que a "imagem" criada a partir do levantamento bibliográfico pode interessar a pesquisadores de vários campos disciplinares, que podem alterá-la segundo seus próprios "caminhos" de pesquisa.

Palavras-chave: Geografia. Literatura. revisão bibliográfica. metodologia

ABSTRACT

This text is part of a doctoral research that has been turned into an article. It is our concern not to compromise the original investigation and the methodological perspective achieved. Therefore, we emphasize that the general objective here is to become acquainted with the research field that has been dedicated to elaborate works on geography and literature in Brazil, considering that this field has been growing and interacting with different theoretical perspectives such as phenomenology and literary theory. Consequently, the "path" used to work with the data obtained from the journals, as well as their qualitative and quantitative treatment, expresses choices related to the research objective and the author's intention. It must be pointed out, therefore, that other authors with access to the same data can achieve different results, with no discredit to their choices and results. It is important to stress that the "image" created from the literature review may interest researchers in various academic fields; they are free to change it according to their own research "paths."

Keywords: Geography. Literature. literature review. methodology

RESUMEN

Este texto es parte de una investigación doctoral que se presenta bajo la forma de un artículo. Nos preocupa no comprometer la investigación de origen y la perspectiva metodológica alcanzada. En estos términos, destacamos que el objetivo general es conocer el campo de la investigación que se ha dedicado a elaborar trabajos sobre geografía y literatura en Brasil, ya que este campo ha ido creciendo y dialogando con diferentes perspectivas teóricas como Fenomenología y teoría literaria. En estos términos, el "camino" encontrado para trabajar con los datos obtenidos en las revistas y su tratamiento cualitativo y cuantitativo expresan elecciones sobre el objetivo de la investigación y la intención del autor. Por lo tanto, merece la pena decir que otros autores con los mismos datos pueden llegar a resultados diferentes, sin ningún desmerecido de sus elecciones y resultados. Destacamos que la "imagen" creada a partir del análisis bibliográfico puede interesar a investigadores de diversos campos disciplinarios, que pueden cambiarlo de acuerdo con sus propios "caminos" de investigación.

Palabras clave: Geografía. Literatura. revisión bibliográfica. metodología

Introdução

O objetivo deste trabalho consiste em fazer uma revisão bibliográfica e apresentar a produção envolvendo geografia e literatura. Vamos expor os caminhos escolhidos para a realização do levantamento, assim como os dados de que lançamos mão. Com isso, indicaremos o oriente dessa produção e os pesquisadores que mais a têm desenvolvido.

Neste sentido, pontuamos os principais referenciais teóricos dos autores que mais apresentaram textos publicados em geografia e literatura, ampliando, posteriormente, a análise dos referenciais teóricos para todos os autores. Para isso, realizamos um mapeamento teórico de toda a produção levantada e fizemos o cruzamento entre as quatro tendências teóricas mais recorrentes: geografia humanista, teoria literária, teoria da geografia e geografia cultural.

Após, vamos apresentar um breve contexto histórico e teórico dos subcampos da geografia que têm se dedicado à produção sobre geografia e literatura: geografia cultural anglo-americana, geografia humanista e geografia cultural francesa.

Dados preliminares: os periódicos

Feita a escolha pelos periódicos (revistas, boletins e cadernos) como fonte para a realização do levantamento bibliográfico, trabalhamos com publicações de diferentes momentos entre a década de 1970 e o ano de 2014.

A diversidade de períodos analisados está associada às seguintes questões: todo levantamento bibliográfico foi realizado on-line, e as revistas disponibilizam períodos diferentes de sua produção; algumas apresentam hiatos entre um número e outro ou entre um ano de publicação e outro.

Nestes termos, vale destacar que o alcance do nosso recorte temporal vai se estender de 1974, data da revista mais antiga encontrada on-line[1], até o ano de 2014, período anterior à realização do levantamento[3]. Não consideramos a data de fundação do periódico como referencial para a realização do levantamento, e sim o período da revista que está disponível on-line, a exemplo da Revista Geografia (AGETEO/UNESP-Rio Claro), periódico fundado em 1976, só disponível on-line a partir de 1998[2] até 2014. Caso tivéssemos escolhido trabalhar com a data de fundação dos periódicos, teríamos de ter assumido a tarefa de pesquisar presencialmente os números ausentes na rede. No entanto, como entendemos que todo levantamento trabalha por amostragem e depende dos critérios estabelecidos a partir dos objetivos da pesquisa ou do que se pretende visualizar, preferimos construir o nosso recorte temporal a partir dos intervalos das revistas disponíveis on-line.

Acreditamos que essa amostragem dá conta do que desejamos captar: uma "imagem" em movimento da produção em geografia e literatura nas últimas décadas. Desta forma, vale destacar que o recorte temporal para a análise dos periódicos não foi estabelecido previamente ou a partir de algum critério aleatório, mas sim da própria pesquisa nos periódicos, dos seus volumes e números disponíveis on-line; em síntese, as fontes (periódicos) nos forneceram essa possibilidade de recorte temporal.

Definido esse caminho, podemos afirmar que os periódicos mais antigos consultados são: Boletim Gaúcho de Geografia (AGB-Porto Alegre), desde 1974, Boletim Goiano (UFG), a partir de 1981, o Boletim de Geografia (UEM), desde 1983, a Revista Geosul e a Revista Terra Livre, com início no ano de 1986.

Cabe destacar que a presença de textos sobre a relação geografia e literatura nesses periódicos é pequena ou inexistente. O Boletim Gaúcho (AGB-Porto Alegre) apresenta um texto sobre o tema, o Boletim Goiano (UFG) não apresenta publicações acerca do assunto, no Boletim de Geografia (UEM) aparece um texto sobre a temática, a Revista Geosul publicou dois textos que tratam do assunto – um texto, entretanto, é de autoria de um pesquisador da UNESP, e o outro, de pesquisadores da UFG. Já na Revista Terra Livre (AGB-Nacional) não há publicação sobre o tema.

O levantamento bibliográfico revelou que a maior parte dos artigos sobre geografia e literatura foi publicada em periódicos mais recentes ou bem recentes, se compararmos com os períodos de publicação daqueles citados anteriormente. Assim, entre os mais recentes estão a Revista Ateliê Geográfico (UFG/IESA), desde 2007[4], a Revista Espaço & Cultura (UERJ/NEPEC), presente a partir de 1995[5], a Revista Geografia (AGETEO/UNESP-Rio Claro), que remonta a 1998 e o Caderno de Geografia (PUC/MG), a partir de 2007. A Revista Ateliê Geográfico (UFG/IESA) e a Revista Espaço & Cultura têm, cada uma, seis textos publicados. A Revista Geografia (AGETEO/UNESP-Rio Claro) publicou quatro textos e o Caderno de Geografia (PUC/MG)[6], três.

Nosso trabalho tornou claro o interesse recente dos geógrafos na relação entre geografia e literatura. Além disso, vale destacar que os periódicos mais antigos que foram fundados ou passaram pela década de 1980 – período áureo do processo de renovação crítica da geografia no Brasil – apresentam poucas ou nenhuma publicação sobre a relação geografia e literatura. Em contraposição a essa situação, os periódicos que mais apresentaram publicações acerca do tema foram fundados entre a década de 1990 e os anos 2000.

Optamos por trabalhar com os periódicos porque entendemos que eles fazem parte da estratégia de um grupo de intelectuais que deseja não só produzir um trabalho acadêmico, mas também divulgá-lo dentro de um campo científico, colocá-lo em circulação. Então, não nos limitamos a identificar a produção dentro do tema, mas aquela que tenha sido colocada "em movimento" de alguma forma. Por isso os periódicos, em detrimento de teses e dissertações, estratégia mais comum nos levantamentos bibliográficos.

Sabemos que há programas de pós-graduação que disponibilizam suas produções on-line. No entanto, aqueles que realizam a divulgação das suas dissertações e teses, o fazem a partir de um período recente. Neste sentido, ao optarmos pelos periódicos, além das questões já apontadas, foi possível rastrear a produção e a divulgação desses trabalhos em um recorte temporal mais amplo.

Nosso objetivo consiste em pensar a produção e a circulação dos trabalhos produzidos no maior intervalo de tempo possível. Entendemos que uma tese que não é publicizada através de periódicos, de livro ou de capítulo de livro, seja on-line ou impresso, possivelmente terá menos impacto na comunidade acadêmica na qual está inserida. Além disso, há trabalhos que são ensaios e não se tornaram ou serviram de base para dissertações ou teses. Nesse caso, optar pelos periódicos como fonte para o nosso levantamento nos conduz ao contato com uma diversidade maior de trabalhos e autores que se dedicaram a textos de diferentes tipos: projetos, dissertações, teses, ensaios, entre outros.

Uma das primeiras questões de ordem metodológica consistiu na busca do caminho para a pesquisa dos periódicos na internet. Quais palavras-chave deveríamos utilizar? Deveríamos buscar os autores que já têm alguma produção na área e seus respectivos currículos? Ou fazer uma busca através de palavras-chave, como "Geografia", "Literatura" ou "Geografia e Literatura" diretamente nos sites de busca disponíveis na internet? As duas tentativas apresentavam, entretanto, um número pequeno de incidências nas buscas on-line, e eram muito fragmentadas.

Descobrimos então que o Programa de Pós-Graduação da Universidade de Brasília (UNB) e o Centro de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) disponibilizam uma listagem dos periódicos nacionais e internacionais. Desta forma, para ter acesso a uma listagem e ampliar a potencialidade de nossas buscas, consultamos as listas de periódicos feitas pela CAPES[6] e a listagem de periódicos disponível no site do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNB[7]. Durante a maior parte do tempo, utilizamos como base a lista de periódicos produzida pelo sistema Qualis da CAPES. No entanto, essa lista, apesar de parecer mais completa, classifica muitos periódicos de outras áreas do conhecimento como sendo da área de geografia.

Desta forma, foi necessário fazer uma seleção entre os periódicos listados como sendo da área de geografia *strito sensu* – sem considerar os enlaces multidisciplinares que constituem a geografia como ciência. Nesses casos, quando o nome não foi suficiente para o descarte

do periódico, fomos até o site e verificamos qual era sua área de atuação de forma mais específica.

Ao identificarmos que o periódico integrava-se ao campo da geografia, executamos ali a busca on-line, utilizando como palavras-chave: geografia, literatura, geografia e literatura, geografia humanista e geografia cultural. Então, com base nas listas, acessamos o site do periódico (revista, boletim ou caderno) e acionamos o botão "ANTERIORES", que nos direciona para os volumes e números do periódico que estão digitalizados e disponíveis on-line.

Nesse momento, anotamos o período da revista que se encontra on-line, por exemplo, Boletim Gaúcho de Geografia (AGB-Porto Alegre), disponível de 1974 a 2014. Após, voltamos à página inicial e acessamos a seção "PESQUISA", que nos leva à página de busca para chegarmos aos volumes e edições anteriores. Essa página possui o campo "pesquisar termos em todas as categorias", em que inserimos as nossas palavras-chave: geografia, literatura, geografia e literatura, geografia humanista e geografia cultural[8].

O sistema Qualis avalia os periódicos e os classifica em A1, A2, B1, B2, B3, B4, B5 e C. Nestes termos, além da triagem pela área, optamos por trabalhar apenas com os periódicos classificados como A1, A2, B1 e B2. Nossa escolha está associada ao fato de o Sistema Qualis adotar a manutenção da publicação como um dos critérios para avaliar os periódicos.

Desta forma, os periódicos avaliados como a A1, A2, B1e B2 – nos critérios do Sistema Qualis – são os que conseguem manter a periodicidade em suas publicações. A manutenção da periodicidade para perceber o movimento de assunção da recente produção em geografia e literatura no Brasil se tornou um critério importante em nossa pesquisa.[9]

Após destacarmos os periódicos de geografia em meio aos periódicos dos outros campos do conhecimento, hierarquizados a partir do processo de avaliação da CAPES (A1, A2, B1 e B2), selecionamos trinta e dois dentre eles, dos quais quinze periódicos não contêm textos sobre geografia e literatura, e dezessete possuem publicações sobre o tema da pesquisa. Como já salientamos, a maior parte dos trinta e sete artigos publicados aparecem em periódicos mais recentes, fundados a partir da década de 1990.

Tabelas com a sistematização parcial dos dados encontrados:

Periódicos	nº
Pesquisados	32
Sem publicação (tema)	15
Com publicações (tema)	17
Total de publicações	**37**

Tabela 1 – Revistas, Boletins e Cadernos

	Periódico	Recorte Temporal
1	Boletim Goiano de Geografia (UFG)	1981-2014
2	Caderno Geográfico (UFSC)[10]	-
3	Caderno Prudentino de Geografia (AGB-PP)	2011-2014
4	Revista Ciência Geográfica (AGB-Bauru)[11]	-
5	Revista Espaço e Geografia (PPGG-UNB)	2002-2014
6	Revista Geografia & Ensino (DGEO-PPGG/UFSM)[12]	2011-2013
7	Revista Geografar (UFPR)	2006-2014
8	Revista Geografias (DGEO-PÓS/UFMG)	2005-2014
9	Revista Geonomos (IGEO/UFMG)	1993-2014
10	Revista Geouerj (IGEO-PPGG/UERJ)	1997-2014
11	Revsista Geousp (DGEO/USP)	2002-2014
12	Revista Geographia (PPGG/UFF)	1999-2014
13	Revista Pegada (FCT/UNESP)	2000-2014
14	Revista Terr@ Plural (UNICENTRO/UEPG)	2007-2014
15	Revista Terra Livre (AGB-DEN)	1986-2014

Tabela 2 – Periódicos consultados em que não houve ocorrência de textos sobre geografia e literatura

	Periódico	Recorte Temporal	Ocorrência de artigos
1	Revista Ateliê Geográfico (UFG/IESA)	2007-2014	6
2	Revista Espaço & Cultura (UERJ/NEPEC)	1995-2013[13]	6
3	Revista Geografia (AGETEO-UNESP/Rio Claro)	1998-2014	4
4	Caderno de Geografia (PUC-Minas)	2007-2014	3
5	Revista da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (ANPEGE)	2003-2013[14]	2
6	Revista Caminhos da Geografia (UFU/PPGG/IGEO)	2000-2014	2
7	Revista Geosul (UFSC)	1986-2014	2
8	Revista de Geografia (UFPE)	2005-2014	2
9	Revista Sociedade & Natureza (UFU)	1999-2014	2
10	Boletim de Geografia da Universidade Estadual do Maringá (UEM)	1983-2014	1
11	Revista Percurso – DGEO/PPGG/UEM/NEMO	2009-2014	1
12	Revista NUPEM – UEP/Pós-Interdisciplinar (Campo Mourão)	2009-2014	1
13	Revista Geotextos (UFBA-PPGG)	2005-2014	1
14	Revista Geografares (UFES-PPGG)	2000-2014	1
15	Revista Geografia (UEL-DGEO-PPGG)	1983-2013	1
16	Revista do Departamento de Geografia (USP)	1982-2014	1
17	Boletim Gaúcho de Geografia (AGB-Porto Alegre)	1974-2014	1
		Total	37

Tabela 3 – Periódicos consultados (on-line) onde houve ocorrência de textos sobre geografia e literatura

Os autores recorrentes e seus referenciais teóricos

No levantamento bibliográfico, colocamos em relevo os quatro autores que mais publicaram sobre geografia e literatura, com o objetivo de identificar as principais referências e linhas teóricas utilizadas por esses pesquisadores.

Em um primeiro momento, destacamos os autores, as universidades às quais estão vinculados e suas parcerias. Após, identificamos as principais referências teóricas utilizadas por esses autores, para, em seguida, realizar o mapeamento dos referenciais teóricos de todos os textos levantados, a fim de perceber como os estudos em geografia e literatura estão se comportando como campo de estudo do ponto de vista conceitual.[15]

O autor que mais apresentou publicações segundo nosso levantamento foi o Professor Dr. Eguimar Felício (UFG-IESA). O primeiro e o segundo textos foram publicados na Revista Ateliê Geográfico (UFG) em 2007 e 2008, respectivamente, ressaltando-se que o segundo texto foi produzido em coautoria com Andréia Aparecida (Rede Pública Municipal de Goiânia). O terceiro texto foi publicado na Revista de Geografia (UFPE), em coautoria com Angelita Pereira (Professora de Comunicação Social – UFG).

Englobando os três textos produzidos pelo pesquisador, notamos os seguintes referenciais teóricos: geografia cultural no primeiro e no terceiro artigo; geografia humanista no primeiro e no terceiro artigo; filosofia, no primeiro e no segundo artigo e teoria literária no segundo e no terceiro artigo. Além desses referenciais teóricos, encontramos: psicanálise, psicologia, teoria da geografia, ensino da geografia e teoria social.

Do ponto de vista qualitativo, algumas questões desenvolvidas despertaram nosso interesse e merecem ser pontuadas. Os pesquisadores destacam a relação entre geografia e literatura como modo de ampliar o leque de pesquisas e as possibilidades de leitura geográfica do mundo. Nesse ponto sobressai a ideia da literatura como concepção de mundo, mas, também, a noção de que reside na própria literatura a capacidade de criar mundos a partir das representações elaboradas. Em outros termos: a literatura recebe influência de uma determinada realidade, mas também é capaz de criar novos mundos (imaginários) e, a partir deles, influenciar na elaboração de outras realidades.

Em nossa percepção, há uma preocupação em situar a geografia na "crise paradigmática" em que a ciência moderna se encontra. Neste sentido, os autores demonstram que o diálogo entre geografia e literatura pode promover o avanço da ciência no que diz respeito a algumas dicotomias estabelecidas pelo padrão iluminista, em outras palavras, defende-se a capacidade da literatura de propor uma aproximação entre arte e ciência, objetividade e subjetividade, razão e sensibilidade, entre a racionalização da realidade e a sua percepção sensorial.

Além dessas questões, os pesquisadores produzem um discurso que visa ultrapassar a ideia da literatura como sendo apenas uma ilustração da realidade. Para isso, procuram aproximar a relação geografia e literatura da ideia de existência. Neste sentido, reforçam a questão já colocada: a literatura faz parte de um mundo, mas também cria novos mundos, novas possibilidades de significação da realidade. Pode, assim, conter representações dos espaços/lugares que possibilitam enriquecer a leitura geográfica do mundo. A partir disso, a geografia (ciência) pode se aproximar da existência, do homem em seu cotidiano. A geografia (ciência) e a literatura (arte) possuem, cada uma a sua maneira, uma ferramenta em comum: a linguagem, e cabe a nós (literatos e geógrafos) aproximar essas linguagens e promover o diálogo entre essas duas formas do conhecimento. A geografia, destacam, pode fazer da literatura uma fonte de pesquisa.

A geógrafa Msc. Maria Amélia Vilanova Neta (IBGE) é a pesquisadora que mais publicou, de acordo com nosso levantamento. O primeiro e o segundo textos, ambos de sua única autoria, foram publicados na Revista Espaço & Cultura, em 2004 e 2009, respectivamente. Os referenciais teóricos neles presentes estão relacionados à geografia cultural e à teoria literária, para além da geografia humanista e da antropologia, que também aparecem como referenciais teóricos em suas bibliografias.

A pesquisadora destaca algumas possibilidades para desenvolvermos a relação entre geografia e literatura, baseada em referenciais teóricos diferentes. No primeiro caso, fundamentada no estudo de Fernández, analisa os romances *1984*, de George Orwel e *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley. A segunda possibilidade é realizada a partir das ideias do geógrafo francês Marc Brosseau, cujo estudo analisa o romance *Manhattan Transfer* de John dos Passo's. Marc Brosseau utiliza como referencial teórico as ideias de Mikhail Bakhtin para defender um método dialógico entre geografia (ciência) e literatura (arte). Brosseau lançará mão da ideia de cronotopo desenvolvida por Bakhtin, conceito que estabelece a relação entre tempo, espaço e linguagem, mostrando como uma determinada linguagem se desenvolve em um determinado tempo e espaço. A ideia de cidade texto é desenvolvida e apresentada por Marc Brosseau e por James Duncan.

Em outro momento, a autora destaca a possibilidade elaborada por Franco Moretti, segundo a qual a linguagem cartográfica (mapa) se torna um veículo que favorece o diálogo entre a geografia e a literatura. Os textos da autora apresentam um leque de "ferramentas mentais", nas quais a relação entre geografia e literatura pode se desenvolver.

Entre os autores que mais publicaram, também encontramos o geógrafo e pesquisador Dr. Eduardo Marandola Jr. (Unicamp), cuja primeira publicação (2009) se deu em coautoria com a Prof. Dr. Emérita Lívia de Oliveira (UNESP-Rio Claro), na Revista Geografia (UNESP-Rio Claro). No segundo texto, publicado no Caderno de Geografia (PUC-Minas) em 2010, Marandola Jr. aparece como coautor e Priscila Marchiori Dall Gallo (IC/UNICAMP), como autora. No que diz respeito aos dois textos, observam-se os seguintes referenciais teóricos: teoria literária, geografia humanista e geografia cultural.

No primeiro texto encontramos referências teóricas associadas à teoria da geografia, e no segundo, à filosofia e teoria social (urbano). Em suas reflexões, os autores realizam um bom levantamento das possibilidades teóricas e metodológicas para desenvolvermos a relação entre geografia e literatura. Além disso, apresentam alguns textos clássicos que tratam essa relação, em língua portuguesa e outros idiomas.

Uma questão central realçada pelos autores trata da necessidade de não se ater à preocupação em estabelecer relações diretas e verificáveis entre o texto literário e a realidade vivida pelo autor ou pelo leitor. Isso significa permitir que a literatura mostre à ciência o que ela tem de melhor através de sua linguagem, que é única. Os autores em questão refletem ainda acerca da possibilidade de relação entre geografia e literatura desenvolvida por Franco Moretti em seu livro *Atlas do Romance Europeu*. O primeiro texto do Prof. Dr. Julio César Suzuki (USP) foi publicado na Revista da ANPEGE em 2005, e o segundo, na Revista do Departamento de Geografia (USP), em 2006. O único referencial teórico relativo aos dois textos é a teoria literária, com efeito o principal referencial teórico utilizado no primeiro texto. Além da teoria literária, o segundo texto apresenta diversos referenciais teóricos, tais como, história, gramática, geografia, teoria da geografia e filosofia.

Uma das questões centrais desenvolvidas pelo pesquisador é a relação do autor com a cidade e a sua arte. Suzuki demonstra como a poesia pode conter uma representação ficcional (imaginada) das cidades e como essas representações podem nos ajudar a perceber melhor a relação entre a cidade e o poeta, ou o poeta na cidade e a cidade no poeta.

Através de um diálogo da teoria literária com a ideia de "ambientação", apresenta uma reflexão sobre o "espaço romanesco", e, ao fazer essa reflexão, avança na forma como o espaço aparece representado nas formulações desenvolvidas pela teoria literária. O espaço deixa de ser cenário e muitas vezes se torna ator.

Também nos deixa possibilidades interpretativas que nos conduzem à necessidade de não confundirmos o espaço romanesco – foco de estudo da teoria literária – com o espaço geográfico. A necessidade de distinção entre o espaço geográfico e o espaço romanesco não ignora as relações e os possíveis intercâmbios que pode haver entre eles. Como geógrafo com formação na área de letras, o autor, em sua interpretação da literatura, lança mão de conhecimentos nos campos da sintaxe e da semântica.

O cruzamento dos referenciais teóricos dos quatro autores mais recorrentes em nosso levantamento suscitou algumas questões. No entanto, antes de apresentá-las é importante ressaltar que nossa preocupação não é justificar/julgar as escolhas teóricas desses autores, e sim apresentar uma análise que está associada a uma tentativa de leitura do campo de pesquisa que tem se dedicado à relação entre geografia e literatura no Brasil.

Em síntese, podemos apresentar o seguinte quadro: três autores fazem referências à geografia humanista e à geografia cultural; todos os autores referem-se à teoria literária; dois autores fazem alusão à teoria da geografia, três autores, à teoria social e finalmente três autores, à filosofia. Ainda aparecem como alusões teóricas não repetidas entre os autores: o ensino de geografia, psicanálise, teoria social (urbano), antropologia, história e gramática.

O cruzamento dos referenciais teóricos, em nossos autores recorrentes, demonstra que a geografia cultural e a geografia humanista são os subcampos da geografia em destaque na produção teórica que vêm alimentando as pesquisas em geografia e literatura. Também se destaca a teoria literária, utilizada por todos os autores – essa informação parece demonstrar que os geógrafos estão percebendo a necessidade de se apropriar da literatura, conhecendo um pouco mais sobre seus conceitos (teoria) e sua história. A teoria da geografia, por sua vez, está presente apenas em dois autores, em comparação com a filosofia e a teoria social. De forma preliminar, essa constatação pode ser um indício de como os geógrafos têm a tendência em buscar fora da área as referências primordiais às nossas reflexões.

Os referenciais teóricos e os autores

Tendo em vista a estruturação das referências teóricas a partir dos autores que mais artigos publicaram sobre geografia e literatura, identificamos a necessidade e a possibilidade de ampliar nosso mapeamento teórico. Para isso, estendemos a metodologia de identificação das referências teóricas utilizadas pelos autores para todo o nosso levantamento.

Com o objetivo de realizar essa tarefa, construímos uma tabela, enumerando todos os textos levantados em uma coluna que vai de um a trinta e sete, em que cada número indica um artigo levantado[15]. Após a leitura dos trinta e sete textos, fizemos a seleção das principais referências teóricas utilizadas pelos autores, cruzando as reflexões teóricas levantadas com as referências bibliográficas presentes em cada texto. Diante disso, realizamos o registro das referências teóricas em uma das colunas da tabela, com os textos numerados em linhas. Logo após, totalizamos o número de vezes que cada referência teórica aparece.

Posição	Tendências Teóricas	Número de ocorrências nos textos
1	Geografia Humanista	22
2	Teoria Literária	21
3	Teoria da Geografia	18
4	Geografia Cultural	16
5	Filosofia	13
6	História	8
7	Teoria Social	7
8	Ensino de Geografia	6
9	Geografia Física e Linguística	3
10	Psicanálise, Antropologia e História da Ciência	2
11	Sociologia, Geopolítica, Gramática, Psicologia, Semiótica, Identidade Regional, Urbanismo, Estudos Ambientais, Geografia do Brasil, História da Ciência, Estudos Migratórios e Ciência Política.	1

Tabela 4 – Síntese do Mapeamento Teórico Total

Nosso objetivo é observar as principais tendências teóricas que vêm sendo utilizadas nas pesquisas em geografia e literatura. Neste sentido, fomos surpreendidos pela presença da teoria literária como segunda tendência teórica, com vinte e uma incidências no universo dos trinta e sete textos levantados.

A princípio, tínhamos como pressuposto a possibilidade de a geografia humanista e a geografia cultural ficarem no topo da lista, visto que esses campos têm tido uma abertura maior para o diálogo com a literatura e com as artes em geral. No entanto, nosso pressuposto se confirmou parcialmente quando a geografia humanista apareceu como ocorrência teórica mais utilizada – com vinte e duas ocorrências nas bibliografias dos textos[16]. Apesar disso, a geografia cultural só apareceu em quarto lugar, apresentando dezesseis ocorrências.

O que podemos dizer sobre o agrupamento dessas quatro tendências teóricas observadas em nosso levantamento – geografia humanista, teoria literária, teoria da geografia e geografia cultural?

Primeiramente, o desenho parece mostrar que a geografia humanista está investindo no campo da produção em geografia e literatura. Além do levantamento realizado para esta pesquisa, observamos que os três livros publicados no Brasil a que tivemos acesso, e se dedicam a geografia e literatura, assumem essa perspectiva teórica – mesmo que realçando diferentes nuanças trabalhadas pelo campo humanista. São eles: a obra de Carlos Augusto Figueiredo Monteiro (2002), *O Mapa e a Trama*; o livro organizado por Eduardo Marandola e Lúcia Helena Gratão (2010), *Geografia & Literatura: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação* e *Caminhos de Morte e de Vida* de Janaína de Alencar M. e S. Marandola (2011).

A primeira referência é uma coletânea de ensaios produzidos pelo autor entre as décadas de 1980 e 1990. O primeiro bloco dos ensaios que compõem o livro assume a perspectiva humanista associada à ideia de como o autor ou os personagens construídos nos romances percebem os lugares, orientação esta associada à noção *sense of place.*

O livro de Janaína Marandola é consequência de sua dissertação de mestrado, em que a pesquisadora trabalhou a relação entre geografia e literatura a partir da poesia de João Cabral de Melo Neto. Marandola desenvolve a relação entre geografia e literatura tendo como ponto de partida os conteúdos geográficos da obra, para chegar ao espaço no romance. Não se trata, segundo a autora, de descartar o contexto social da obra de João Cabral para interpretar o conteúdo geográfico dos seus romances, mas sim de encarar a obra como sendo obra de um autor.

O livro organizado por Eduardo Marandola e Lúcia Helena Gratão apresenta uma pluralidade de abordagens, temas e perspectivas. Os ensaios ali contidos são assinados por doze autores que atuam em universidades diversas, situadas em diferentes estados: nove deles atuam em São Paulo; dois, no Paraná; um, em Goiás; um, em Sergipe e um em Minas Gerais. É interessante notar que não há aqui pesquisador do Rio de Janeiro associado à geografia cultural e que tenha se dedicado à temática.

A presença da teoria literária como base teórica presente em vinte e um textos dentre os trinta e sete levantados pode revelar algumas possibilidades positivas e outras nem tanto.

Entendemos, por um lado, que os geógrafos podem estar aprofundando o diálogo com a literatura e com as áreas do conhecimento que refletem sobre esse campo da arte, tal como a linguística, movimento fundamental para o avanço das pesquisas em geografia e literatura, uma vez que a geografia pode estar deixando de assumir a literatura como objeto e alvo ilustrativo das reflexões desenvolvidas no campo da ciência. Por outro lado, devemos ficar atentos: o diálogo com a teoria literária pode perder de vista nosso ponto de partida, a geografia.

Neste sentido, a teoria da geografia foi definida, em nosso levantamento, como sendo as reflexões teóricas associadas a uma teoria geral da geografia, reflexão que envolve seus conceitos, categorias e métodos. Em linhas gerais, a teoria da geografia pode ser exemplificada pelos esforços do geógrafo Milton Santos (2002) em sua tentativa de trazer a geografia para o diálogo com a filosofia e com os outros campos das ciências sociais. Terceira tendência teórica mais recorrente nos textos, está presente em quase metade dos trabalhos apresentados, dezoito ocorrências em um universo de trinta e sete artigos levantados.

De forma geral, observamos na geografia uma inclinação para buscar fora do próprio campo de produção as referências teóricas mais originais e basilares. Essa postura nos conduz à reflexão sobre dois pontos relacionados à geografia como campo científico.

Primeiramente, desde o período que antecede sua institucionalização universitária até a instituição ocorrida na França no final do século XIX, a geografia constituiu-se num campo do conhecimento em contato com outras disciplinas e áreas do saber. Para pensar essa observação, basta lembrar as perspectivas geográficas desenvolvidas por aqueles que são considerados fundadores da Geografia Moderna, Humboldt, Ritter e Ratzel. O mesmo ocorre em relação aos fundadores da Geografia Clássica, como Paul Vidal de La Blache, historiador de formação (Fernandes, 2009).

Para além dessas características fundacionais associadas aos perfis dos pensadores, não podemos esquecer que a geografia, ao longo de sua história, estabeleceu uma tradição de pensamento e de pesquisa com os outros campos das ciências sociais, tais como, a sociologia, a história e a antropologia. Impõe-se, deste modo, a seguinte questão: nós, geógrafos, conhecemos a tradição de pensamento na qual estamos inseridos e que de alguma forma nos constitui? A geografia agrária, por exemplo, além de estudar os seus clássicos – como a questão agrária de Kautsky – conhece as obras que fundam a geografia como campo do conhecimento? Os geógrafos que se debruçam sobre as diversas histórias da geografia no Brasil e no mundo conhecem o percurso feito pelos pesquisadores dentro dessa área de pesquisa no seu próprio país?

Enfim, não se trata de negar a importância e a riqueza do diálogo com outros campos do conhecimento ou disciplinas, mas não podemos esquecer que estamos submersos em uma tradição de pensamento geográfico, e para avançar é necessário conhecê-la. Nestes termos, torna-se imprescindível destacar o esforço realizado por Ruy Moreira (2008) e Elvio Rodriguês Martins (2007), ao aproximar as suas reflexões contemporâneas dos clássicos da geografia.

A geografia cultural aparece em quarto lugar nas referências teóricas observadas a partir das bibliografias dos textos levantados; há dezesseis ocorrências dentre os trinta e sete textos levantados. Essa posição nos surpreende, porque o periódico Espaço & Cultura (NEPEC-UERJ), associado ao grupo que tem divulgado a geografia cultural no Brasil, totalizou seis textos sobre geografia e literatura, ocupando o primeiro lugar, junto com o periódico Ateliê Geográfico (IESA-UFG). No entanto, este periódico é mais recente, tendo iniciado

suas atividades no ano de 2007, enquanto o outro iniciou-as no ano de 1995. É possível dizer que o grupo ligado ao segundo periódico avançou bastante nas publicações sobre o tema, levando em consideração que é um periódico 12 anos mais recente que o outro.

Em linhas gerais, essa informação parece endossar nossa percepção de que a geografia humanista tem avançado mais em relação às pesquisas em geografia e literatura que a geografia cultural. Também parece ser crível afirmar que a geografia cultural parece estar mais aberta a outras bibliografias que não as produzidas dentro do grupo circunscrito por esse próprio subcampo.

Um fato curioso observado durante a coleta do material empírico ou enquanto constituíamos a coleta dos textos nos sites de busca dos periódicos é que o número de incidências de textos visualizados através da palavra-chave geografia cultural foi sempre maior do que em relação à palavra-chave geografia humanista. Isso pode estar associado a uma questão simples, a princípio, o caráter polissêmico da palavra "cultura". Essa mesma polissemia não parece estar deflagrada em relação à palavra "humanista", ao menos quando a busca é realizada em sites de periódicos da geografia brasileira.

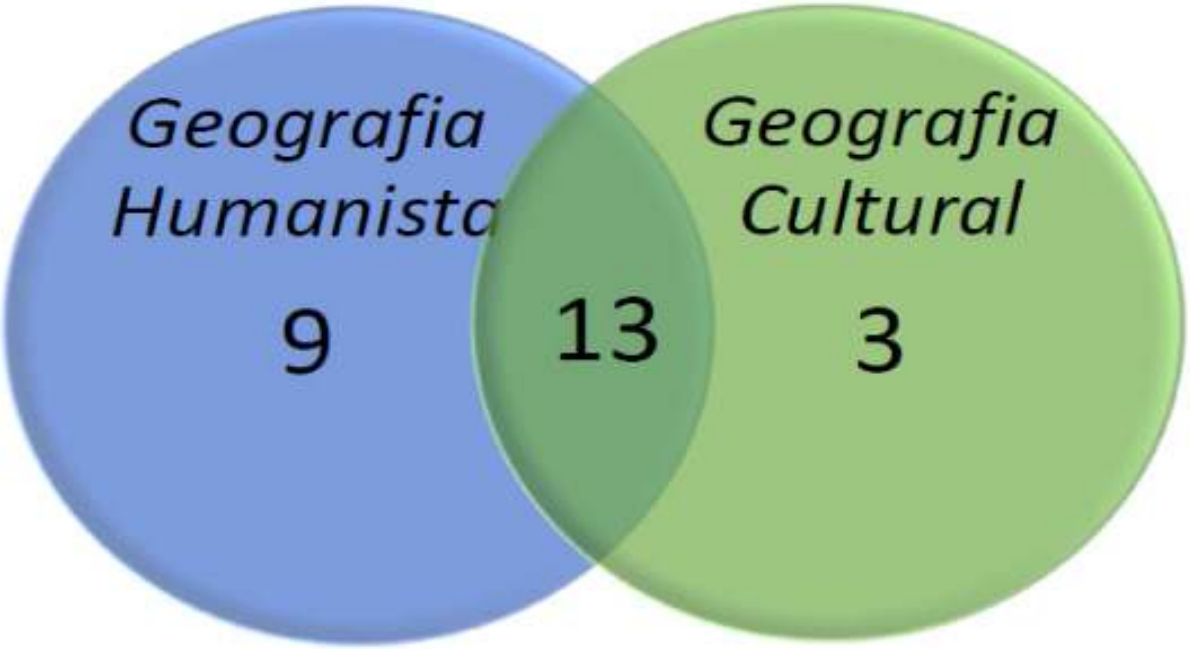
Com o objetivo de aprofundar um pouco mais essas pistas, assim como nosso entendimento sobre a produção em geografia e literatura no Brasil, refletimos sobre a geografia humanista e a geografia cultural do ponto de vista mais qualitativo. Nesta seção pretendemos apontar algumas diferenças e aproximações entre as abordagens desenvolvidas pela geografia humanista e pela geografia cultural.

A partir do levantamento empírico e do mapeamento teórico realizado por nós, parece não haver dúvidas quanto ao predomínio desses dois subcampos da geografia que mais têm se dedicado a pensar e produzir sobre a relação entre geografia e literatura no Brasil. Apesar de a geografia cultural ter ocupado o quarto lugar no ranqueamento dos referenciais teóricos, entendemos que a teoria literária e a teoria da geografia são reflexões que alimentam esses dois subcampos da geografia nas pesquisas sobre geografia e literatura. Principalmente, se não perdemos de vista duas questões: primeiro, a teoria literária é uma reflexão de uma outra área do conhecimento (letras), e a teoria da geografia – como foi concebida em nosso levantamento – está associada a reflexões teóricas de longo alcance sobre o nosso campo do conhecimento; posteriormente, sabemos que existem autores associados a outras perspectivas teóricas e metodológicas que produzem e produziram textos sobre a relação entre geografia e literatura, mas estes não tiveram seus trabalhos publicados nos periódicos selecionados por nós.

Cruzando os principais referenciais teóricos

Nesta seção realizamos o cruzamento entre os quatro principais referenciais teóricos destacados em nosso levantamento – geografia humanista, teoria literária, teoria da geografia e geografia cultural. Esse cruzamento só se tornou possível quando ampliamos o mapeamento teórico para além dos quatro autores que mais publicaram textos na temática em destaque, de acordo com o indicado por nossas fontes (periódicos).

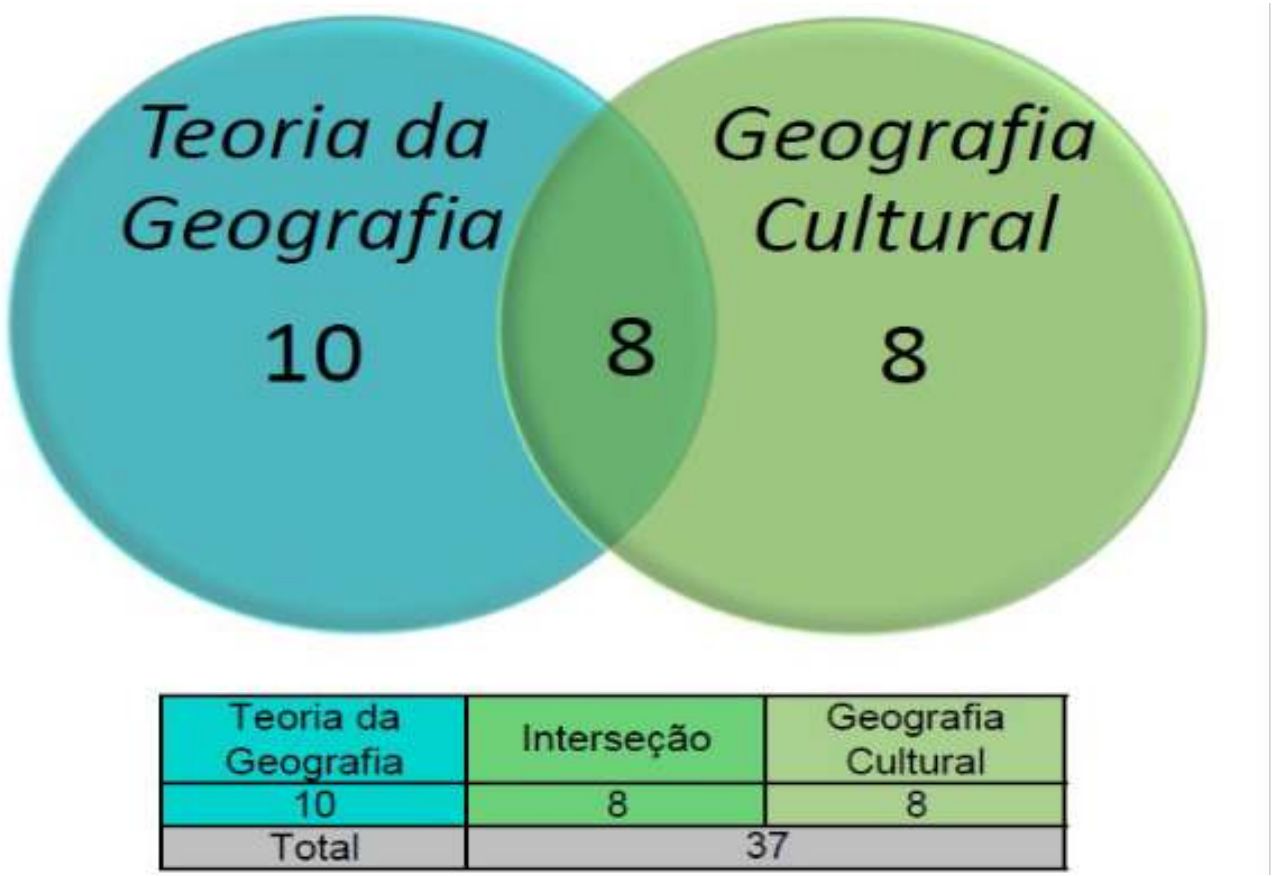
A partir dos resultados obtidos com o cruzamento das quatro principais tendências teóricas, confeccionamos os seguintes gráficos e comentários:



Geografia Humanista	Interseção	Geografia Cultural
9	13	3
Total	37	

Gráfico 1 - Cruzamento das tendências teóricas entre geografia humanista e geografia cultural

Esses dados parecem reforçar o traço de um desenho que está se tornando mais nítido em nosso levantamento, qual seja, a geografia humanista vem investindo mais que outros subcampos da geografia na produção em geografia e literatura. Essa afirmação pode ser confirmada ao observarmos que, dentre os trinta e sete textos pesquisados, apenas três usaram referências associadas somente à geografia cultural. Junto a isso, no que diz respeito à geografia humanista, nove textos apresentaram referências circunscritas a esse campo de atuação. No entanto, a maior parte dos textos que utilizaram alguma referência associada à geografia humanista – treze dentre eles - também o fizeram em relação geografia cultural. E essa última informação demonstra que os dois campos estão em diálogo e não se excluem, apesar das diferenças nas delimitações de suas pesquisas, nos seus enfoques conceituais e diferentes concepções de geografia.



Teoria da Geografia	Interseção	Geografia Cultural
10	8	8
Total	37	

Gráfico 2 - Cruzamento das tendências teóricas entre geografia cultural e teoria da geografia

O cruzamento acima demonstra a sobreposição entre a geografia cultural e a teoria da geografia. Ao fazer esse cruzamento, percebemos que a incidência teórica da geografia cultural enquanto referência é menor em relação à teoria da geografia. Como se pode depreender, nessa intersecção, apenas oito trabalhos usaram como referência somente a geografia cultural. No entanto, dez trabalhos usaram somente a teoria da geografia como referência para a elaboração de textos sobre geografia e literatura e oito trabalhos usaram a geografia cultural e a teoria da geografia como referências teóricas em seus textos. Esses dados podem indicar o quanto a geografia cultural é pouco conhecida ou reconhecida e apropriada pelos pesquisadores brasileiros, que buscam mais base teórica em uma teoria geral da geografia – o que nunca deixa de ser importante – do que em um subcampo que assume como objeto de pesquisa elementos associados à cultura, tais como, a geografia cultural e a geografia humanista.

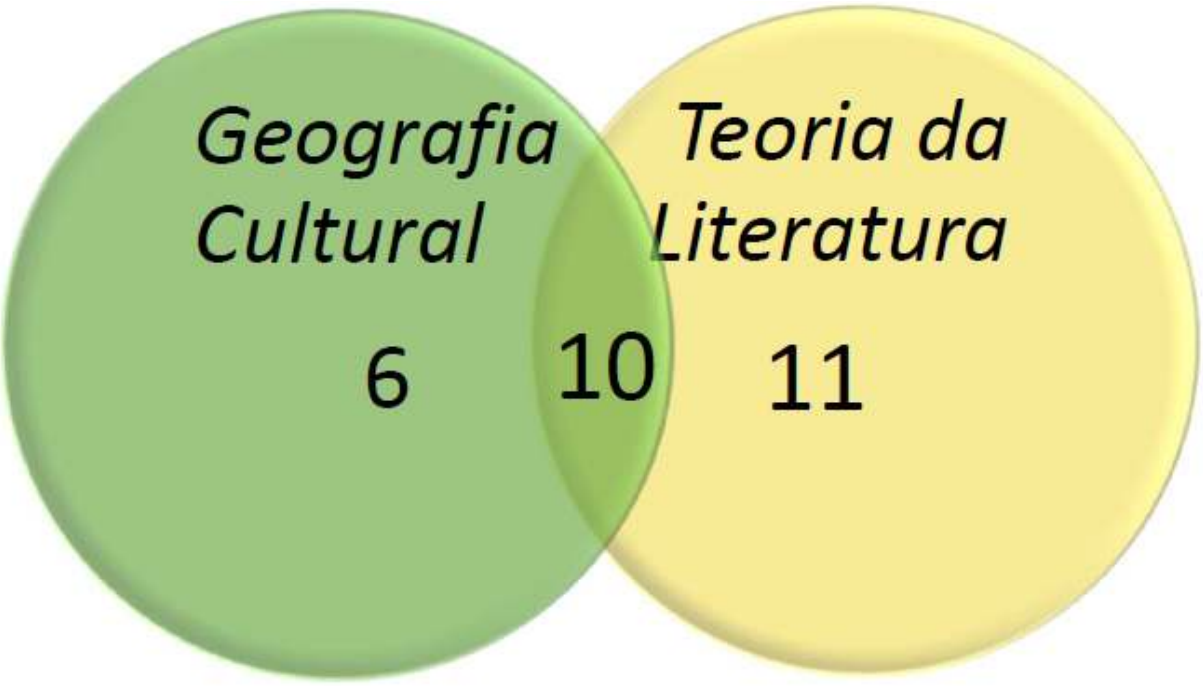


Geografia Humanista	Interseção	Teoria da Geografia
12	10	8
Total	37	

Gráfico 3 - Cruzamento das tendências teóricas entre geografia humanista e teoria da geografia

Neste ponto, como se pode observar, mais uma vez a geografia humanista como única referência teórica fica à frente da teoria da geografia. Dentre os textos analisados, doze apresentaram referências associadas apenas à geografia humanista em relação aos oito textos que apresentaram referências associadas somente à teoria da geografia. No entanto, dez textos que apresentaram referências teóricas na reflexão sobre a teoria da geografia também o fizeram no campo da geografia humanista.

Em outras palavras, mais da metade dos textos que utilizaram somente a teoria da geografia como referência também empregaram alguma referência relacionada à geografia humanista. As diferenças parecem pequenas, mas no universo de amostragem com que estamos trabalhando – trinta e sete textos no total – quatro textos é quase dez por cento de toda a amostragem – doze trabalhos apresentaram referências teóricas somente na geografia humanista. Esse cruzamento reforça o investimento de pesquisa na temática sobre geografia e literatura por parte da geografia humanista.



Geografia Cultural	Interseção	Teoria da Literatura
6	10	11
Total	37	

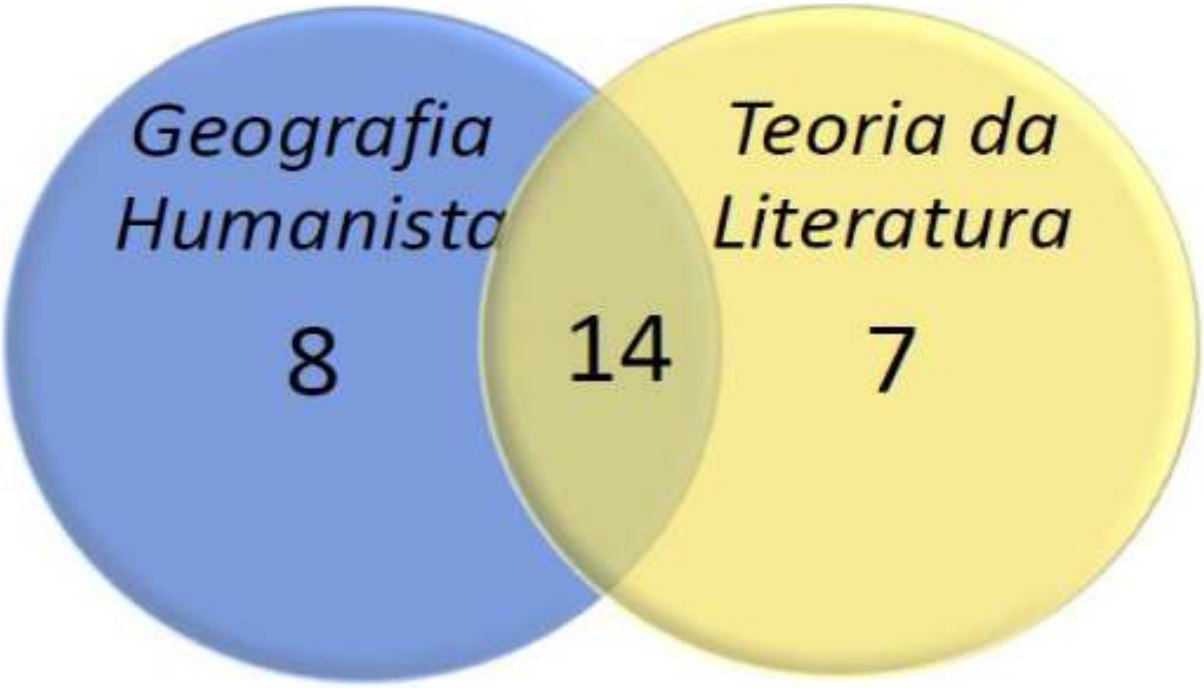
Gráfico 4 - Cruzamento das tendências teóricas entre geografia cultural e teoria literária

Ao observar o cruzamento dos dados dessas referências teóricas, percebemos que a maior parte dos textos que usam alguma referência no campo da geografia cultural o fazem igualmente no campo da teoria literária. Esse gráfico parece demonstrar que há uma abertura maior da geografia cultural a outras referências teóricas associadas à teoria literária.

Observa-se aqui uma recepção maior em relação a todas as outras tendências cruzadas até agora: no cruzamento com a geografia humanista, três textos usaram referências só em geografia cultural e treze textos apresentaram referências em geografia cultural e geografia humanista; no cruzamento com a teoria da geografia há um empate: oito textos usaram referências apenas em geografia cultural e oito textos também apresentaram referências em geografia cultural e teoria da geografia. Já no cruzamento com a teoria literária, seis textos apresentaram referências tão somente no campo da geografia cultural e dez textos apresentaram referências no campo da geografia cultural e da teoria literária. Ao fim, percebemos que a geografia cultural não se apresentou majoritariamente como referência teórica em nenhum dos três cruzamentos entre as referências teóricas.

Vale destacar que no mapeamento das tendências teóricas apresentadas nos trinta e sete textos, a teoria literária mostrou um número de ocorrências maior que a geografia cultural – a primeira acumulou vinte e uma ocorrências e a geografia cultural, dezesseis ocorrências.

A presença e a influência da teoria literária na produção em geografia e literatura no Brasil possui relevo em nosso levantamento desde o cruzamento das referências entre os quatro autores mais recorrentes. A teoria literária foi a única referência presente na bibliografia de todos os autores, na maioria dos casos em detrimento da teoria da geografia.



Geografia Humanista	Interseção	Teoria da Literatura
8	14	7
Total	37	

Gráfico 5 - Cruzamento das tendências teóricas entre geografia humanista e teoria literária

O cruzamento dessas tendências teóricas resultou na seguinte imagem: a geografia humanista, no quadro geral das tendências teóricas, apresentou vinte e duas ocorrências, dentre as quais somente oito em geografia humanista e quatorze em geografia humanista e teoria literária. Em outros termos, boa parte dos textos que apresentaram referências tão somente em geografia humanista também apresentaram referências em teoria literária. Parece que a geografia humanista tem tido uma boa abertura para a teoria literária, visto que essas foram as duas maiores referências teóricas que nosso levantamento apresenta.

De modo geral, quase o dobro de pesquisadores que trabalharam com geografia humanista também o fizeram com alguma referência relacionada à teoria e/ou à história da literatura. A relação entre as duas referências mais constantes em nosso levantamento é boa, mas alguns pesquisadores – um número significativo na amostragem de trinta e sete textos – permanece usando uma referência ou outra. Tendo como base a teoria literária, a geografia cultural foi a que mais apresentou uma aproximação com esse referencial: onze textos apresentaram referências só em teoria literária, e desses, dez textos apresentaram referências em teoria literária e geografia cultural, ou seja, na interseção teórica desses dois grupos quase todos os textos que utilizaram referências associadas à teoria literária também utilizaram referências no campo da geografia cultural.

Os referenciais teóricos: identificando o identificável

A partir das décadas de 1960 e 1970 ocorreram diferentes movimentos de reação e de renovação do discurso geográfico[19]. Podemos dizer que eram propostas de reação surgidas em um contexto em que a necessidade de refletir sobre novas possibilidades para o pensar e o fazer geografia era premente. Esses movimentos pontuavam alternativas à geografia

quantitativa que se tornou, em muitos países, a geografia oficial no período pós-segunda guerra mundial. Essa geografia se oficializou no momento em que os estados-nações têm sua necessidade de planejamento redimensionada. Nesse sentido, a geografia já ofertava instrumentos teóricos e técnicos ao planejamento estatal – vide a geografia regional francesa e a geografia alemã do final do século XIX e início do século XX (Fernandes, 2009).

Entre os movimentos de reação surgidos entre as décadas de 1960 e 1970, destacamos inicialmente a geografia radical (EUA) e a geografia crítica (França), que tinham em comum o diálogo com o marxismo e com outros autores ligados à teoria social crítica. De forma mais específica, no Brasil, a partir da década de 1980, a geografia crítica (França) consolidou uma certa hegemonia. Entendemos que essa hegemonia está fortemente associada a dois fatores: a tradição que a geografia francesa tem no Brasil desde a sua instituição universitária na década de 1930 e o contexto histórico que o Brasil vivia naquele momento, final da década de 1970, em que o país estava sob os auspícios de um regime militar e ditatorial, embora alguns setores da sociedade já conseguissem aliar forças para estabelecer o movimento de redemocratização. Via-se nesse, a implementação da lei da anistia assinada de 1978 e a reorganização de alguns movimentos sociais e estudantis no início da década de 1980.

Dessa forma, é necessário ampliar a compreensão sobre os processos de renovação do discurso geográfico ocorrido entre as décadas de 1970 e 1980. Como já destacamos, partimos do pressuposto de que o movimento de renovação crítica da geografia, alcançou um nível de efetivação grande na geografia brasileira. Um exemplo disso é o fato de que muitos geógrafos ligados a esse movimento – que apresentava pluralidades internas – se tornaram professores universitários entre a década de 1980 e 1990, e a vertente que mais orientou esse processo foi a geografia crítica francesa de inspiração marxista.

No cenário atual da geografia, outros movimentos de renovação do discurso geográfico, tais como a geografia cultural e a geografia humanista, começam a ganhar relevo no que diz respeito a determinadas temáticas, entre elas, as pesquisas realizadas em geografia e literatura, tal como ficou evidente em nosso levantamento. Entender melhor as tendências e as teorias que produziram renovações no discurso geográfico entre as décadas de 1970 e 1980 é essencial para compreender o quadro e as possibilidades de realização das pesquisas em geografia e literatura e para tornar mais visível o cenário da geografia contemporânea no Brasil e no mundo. Nestes termos impõe-se a seguinte questão: em que medida é possível desenvolvermos uma abordagem cultural crítica em geografia? Tudo indica que o cenário intelectual contemporâneo é propício ao diálogo entre os diversos campos do conhecimento (história, geografia, antropologia, arte e sociologia) e também entre os subcampos – geografia crítica, geografia radical, geografia humanista, geografia cultural, entre outras – que compõem uma mesma área do conhecimento. Portanto, é na possibilidade do diálogo entre geografia, história e literatura que esse trabalho se desenvolve.

Sobre a Geografia Cultural Anglo-Americana

A geografia cultural está associada ao contexto estadunidense, mais especificamente ao período do entre guerras e ao momento posterior à segunda guerra mundial. Esse movimento, até as décadas de 1970 e 1980, não teve grande impacto na geografia brasileira, em que predominaram a matriz clássica da geografia francesa, a geografia quantitativa e a geografia crítica. Roberto Lobato e Zeny Rosendhal[20] (2005, 2008) destacam que o geógrafo brasileiro Hildgard Sternberg era associado à perspectiva cultural e atuou na Universidade do Brasil; seu interesse pela geografia cultural o levou à Universidade da Califórnia, onde tornou-se amigo de Carl Sauer. No Brasil teve duas assistentes, Maria do Carmo Galvão e Berta Becker, mas nenhuma seguiu a perspectiva de interesse do orientador.

Nesse movimento, ganha importância a figura do geógrafo Carl Sauer, ligado à Escola Berkeley. Sauer recebeu influência da fenomenologia e do antropólogo americano Alfred Kroeber, principalmente no que diz respeito a sua definição de cultura como sendo um "su-

per orgânico". De acordo com Scott Willian Hoefle (1999), a abordagem desenvolvida por Carl Sauer, nesse período, estabelece uma polêmica com o geógrafo estadunidense Richard Hartshorne; ambos os pesquisadores reagiam ao "evolucionismo racionalista" até então predominante, vindo de Semple, Huntington e Taylor. No entanto, a reação de Hartshorne está mais próxima de uma abordagem empírica, enquanto a reação esboçada por Sauer está pautada em um diálogo com a fenomenologia. Para além dessa polêmica, o pensamento de Carl Sauer começou a se estabelecer no período do entre guerras e desloca-se até a década de 1970, quando foi questionado pelo movimento chamado "nova geografia cultural". Esse movimento desenha uma crítica à abordagem saueriana, dizendo que o seu desenvolvimento colocou a ideia de cultura como algo externo e determinante da vida dos homens.

De acordo com Corrêa e Rosendhal (2008, p.75):

A Geografia cultural liberta-se da visão de cultura como entidade supra-orgânica, independente, pairando sobre a sociedade e determinando as suas ações. Esta visão deriva do pensamento darwinista social de Herbert Spencer que, por intermédio do antropólogo Alfred Kroeber, professor em Berkeley, chega a Carl Sauer e aos seus discípulos, que a adotam. Essa visão recebeu em 1980 a crítica contundente de Duncan (2003).

A crítica tem relevância quando levamos em consideração o período inicial das reflexões de Carl Sauer. Nesse estágio, o geógrafo foi fortemente influenciado pelo antropólogo (e amigo) Alfred Kroeber e a definição de cultura desenvolvida por esse autor – a cultura como algo "além do orgânico", o "supra orgânica" ou o "superorgânico" (Corrêa; Rosendahl, 2008, p.75). No entanto, não podemos desconsiderar o impacto que a análise exercida pela "nova geografia cultural" teve no cenário da geografia anglo-americana, em que ganhou destaque a crítica exercida por geógrafos como James Duncan e Denis Cosgrove – ambos integrantes do movimento de renovação da geografia estadunidense chamado a "nova geografia cultural" (Corrêa; Rosendahl, 2008, p.75-76). Em parte, podemos afirmar que tais geógrafos são impulsionados pelo movimento chamado "estudos culturais", que teve um desenvolvimento considerável nos países anglo-americanos. Nesse movimento podemos acrescentar a influência do campo filosófico da fenomenologia e de alguns pensadores marxistas, tais como Raymond Willians e E. P. Thompson (Silva, 2010). Não cabe nessa pesquisa aprofundar até que ponto a "nova geografia cultural" rompe ou perpetua a abordagem Saueriana da geografia cultural, mas vale indicar que mudanças são processos longos, e ao se tentar mudar, é comum a reprodução de conteúdos e abordagens antigas, isso é, a transição "em si". Ainda no que diz respeito ao processo de renovação do discurso geográfico acontecido em solo estadunidense, vale destacar que há um grupo de pesquisadores mais próximos a esse processo de renovação que vão desencadear um debate sobre o conceito de cultura. Esse debate, assim como toda a perspectiva de geografia desenvolvida pela geografia cultural, é pouco divulgado no Brasil, mas julgamos de grande importância que os geógrafos contemporâneos formados no Brasil ao menos saibam que há um debate realizado por geógrafos acerca do conceito de cultura no início da década de 1980.

Com base nas reflexões de Corrêa e Rosendahl (2005, p.97-102) podemos afirmar que no Brasil a partir da década de 1990 a geografia cultural passa por um processo de estabelecimento e expansão; esse subcampo da geografia vai de um "quase absoluto desconhecimento a um nível de aceitação e práticas significativas, ainda que minoritário". Os autores salientam que durante toda a década de 1980 a geografia cultural foi praticamente negligenciada no Brasil, fenômeno explicado pela já destacada hegemonia da matriz francesa, em sua perspectiva clássica, apoiada no conceito de região. Nessa orientação, a cultura é encarada como um elemento de composição do quadro regional. Além desse fator, os autores acrescentam que a partir da década de 1980 vai ocorrer a consolidação da geografia crítica – de inspiração marxista e francesa –, o que afastou os temas relacionados à cultura da esfera dos debates dos geógrafos[21]. Roberto Lobato e Zeny Rosendahl (2005, p.98) ainda destacam que em 1993 foi criado o NEPEC (Núcleo de Estudos e Pesquisas Espaço e Cultura), em 1995 foi lançado por esse mesmo grupo o periódico Espaço & Cultura[22], que em seu conselho consultivo contava com três grandes pesquisadores ligados à geografia cultural: Marvin Mikesel,

associado à perspectiva saueriana; Denis Cosgrove, ligado ao grupo da nova geografia cultural e Paul Claval, filiado ao desenvolvimento de uma abordagem cultural francesa. Com base nas reflexões de Corrêa e Rosendahl (2005, p.99), podemos afirmar que no início da década de 1980 houve uma "difusão efêmera e limitada" da geografia humanista que na década de 1990 foi incorporada à geografia cultural. Essa afirmação desperta interesse porque demonstra uma aproximação entre a geografia cultural e a geografia humanista já percebida em nosso levantamento bibliográfico.

No entanto, ao mesmo tempo que a perspectiva humanista e a cultural se aproximam no cenário contemporâneo, também mantêm algumas singularidades. Nesses termos, não parece que a geografia humanista foi incorporada à geografia cultural, principalmente quando observamos as estratégias de publicação associadas a esses grupos e suas particularidades históricas e teóricas. Na inserção da geografia humanista no Brasil, a partir do início da década de 1980, um dos autores privilegiados foi o geógrafo Yu-Fu Tuan. No que diz respeito à geografia cultural, a inserção a partir do início da década de 1990, se deu através de autores clássicos, como Carl Sauer e dos autores ligados ao movimento da nova geografia cultural – como James Duncan e Denis Cosgrove – e da abordagem cultural francesa.

Em nossa avaliação preliminar, os campos se debruçam sobre temas em comum, possuem características que se alinham, mas são diferentes em sua constituição teórica e histórica. Ao pronunciar a diferença entre esses subcampos da geografia, não estamos eliminando a possibilidade de diálogo na esfera teórica e histórica. Em nossa perspectiva, a visualização das diferenças entre esses subcampos permite maior clareza no diálogo. Dessa forma, no cenário contemporâneo, a aproximação parece estar associada à pluralidade do campo científico da geografia, o que leva à necessidade de ampliar as temáticas desenvolvidas até então – de alguma forma a aproximação da geografia com a literatura também incorpora essa demanda.

Roberto Lobato e Zeny Rosendahl (2005, 98-99) ainda destacam que a tradução de autores clássicos na produção em geografia cultural foi uma estratégia utilizada pelo grupo para estabelecer e ampliar o movimento no Brasil. E entre os autores traduzidos, destacam: Carl Sauer, Denis Cosgrove, Jackson, Duncam; no que diz respeito ao debate sobre infraestrutura e superestrtura, Raymond Willians; em língua francesa, Max Sorre, Gallais, Bonnemaison e Paul Claval.

Sobre a Geografia Humanista

Nos Estados Unidos, entre as mesmas décadas de 1960 e 1970, surge e se consolida um movimento de renovação do pensar e do fazer geografia que também se baseia em perspectivas teóricas associadas à fenomenologia, à geografia humanista ou geografia humanística[23]. De acordo com Werter Holzer (1997, p.8-10), há duas origens possíveis para o movimento intelectual da geografia humanista: o primeiro momento, coincide com o início da geografia cultural e está centrado no geógrafo estadunidense Carl Sauer e no seu livro *A Morfologia da Paisagem* publicado em 1925. O segundo passa pela figura de John K. Wrigt e seu convite aos geógrafos a explorar "terras incógnitas e pessoais" fruto de discurso proferido na Associação Americana de Geógrafos (AAG) em 1947 – nessa obra ele lança a ideia de uma "geosofia".

Em consonância com Holzer (1997, p.9), podemos afirmar que na década de 1960 tivemos duas ocorrências que fundaram a geografia humanista enquanto um subcampo da geografia. A primeira delas está ligada ao geógrafo David Lowenthal que, além de ser ex-aluno de Carl Sauer, também revisitou a obra de John K. Wright. O principal objetivo de David Lowenthal é fundar uma "nova epistemologia para a Geografia", uma "teoria do conhecimento geográfico" que deve contemplar vários modos de observação: "consciente e inconsciente, objetivo e subjetivo, fortuito e deliberado, o literal e o esquemático". Vale destacar que o ponto de partida para Lowenthal é a ideia de "geosofia" de John K. Wright. Ainda no que diz respeito ao período mencionado, de acordo com Holzer (1997), Marandola Jr. e

Gratão (2003), começa a se desenvolver uma outra possibilidade de geografia humanista, que está mais próxima dos movimentos de contracultura: o movimento hippie, a contestação da guerra do Vietnã e as mudanças nos padrões de comportamento. O principal nome associado a essa outra possibilidade é o geógrafo sino-americano Yu-Fu-Tuan, expoente e fundador da geografia humanística. Em um primeiro momento, em seu livro *Espaço e Lugar* vai lançar a ideia de "topofilia" segundo a qual estudo das vivências e o estudo do amor do homem pelo planeta vão ser desenvolvidos. De acordo com os pesquisadores consultados podemos afirmar que o geógrafo Yu-Fu Tuan terá como uma de suas inspirações teóricas o pensamento do filósofo Gastão Bachelard.

A partir de Marandola Jr. e Gratão (2003, p.10-15), podemos afirmar que a tendência associada a Yu-Fu Tuan teve uma inserção e um certo desdobramento no Brasil. Nesses termos, ganha relevo a geógrafa Lívia de Oliveira, professora emérita da UNESP-Rio Claro. Vale lembrar que essa geógrafa traduziu e publicou livros de Yi-Fu-Tuan para o português no início da década de 1980: *Topofilia* publicado em 1980 e *Espaço e Lugar*, em 1983. Marandola Jr. e Gratão (2003, p.12-13) destacam que as obras de Tuan traduzidas por Lívia de Oliveira e os "textos que foram traduzidos e publicados em periódicos de Rio Claro (não apenas por ela) e em obra organizada por Antonio Christofoletti[24], outro geógrafo de Rio Claro [...]" foram a base da inserção da geografia humanista no Brasil. A professora e pesquisadora Lívia de Oliveira chega até as obras de Yu-Fu-Tuan através dos estudos realizados na área do ensino de geografia, mais especificamente na cartografia, que tinha como base teórica as reflexões de Jean Piaget[25].

É importante destacar que nos primeiros anos da década de 1980 o Brasil inicia um processo de transição para a democracia, momento em que a geografia crítica (França) de inspiração marxista começa então a se consolidar. Essa relação é relevante, porque revela que durante esse período coexistiram o movimento de redemocratização da sociedade brasileira e o início de um reajuste dos lugares na geografia aqui produzida – tanto do ponto de vista teórico quanto do ponto de vista político e institucional (Moreira, 2000). Além disso, vale realçar que as possibilidades de renovação da geografia eram diversas – havia a geografia crítica (França), a geografia radical (EUA), a geografia cultural já bem desenvolvida nos países anglo-americanos, a geografia cultural radical proposta por Denis Cosgrove e a geografia humanista (EUA). Marandola Jr. e Gratão (2003, p.8) evidenciam que se por um lado as traduções que Lívia de Oliveira realizou da obra de Yu-Fu Tuan representaram "a grande realização e o grande referencial desta linha investigativa [...], ao mesmo tempo" provocaram "um grande incômodo para os geógrafos céticos e intolerantes à postura e condutas desta geografia". Podemos dizer que havia nesse momento projetos diferenciados de geografia ou do que a geografia deveria ser (Marandola Jr.; Gratão, 2003, p.11). E esses projetos estavam em prova no Brasil. No cenário contemporâneo, apesar de não estarmos vivendo um momento de redemocratização, passamos por um momento de luta pelo amadurecimento de nossa democracia. Nesses termos, entendemos que as diversas possibilidades teóricas e metodológicas que ganham relevo no cenário atual da geografia brasileira estão associadas a esse contexto, teoricamente democrático.

Como já destacamos, a partir da década de 1990 é fundado o NEPEC e outros grupos de pesquisa associados à geografia humanista.

De acordo com Corrêa e Rosendahl (2008, p.77):

> Em 2008 ele (Werter Holzer)[26] e Lívia de Oliveira, da UNESP, Rio Claro, criaram um núcleo de pesquisas dedicado à geografia humanista. Outros núcleos de pesquisa foram criados na primeira década do século XXI em Uberlândia, Curitiba e Recife, atestando a difusão da geografia cultural no Brasil. Seus criadores participaram das atividades do NEPEC.

Ainda nesse sentido, Eduardo Marandola Jr. e Lúcia Helena Gratão (2003, p.14) reforçam o movimento de abertura para novas abordagens na geografia brasileira: "A década de 1990 trouxe uma diminuição da tensão entre as 'geografias', e a intolerância torna-se um pouco mais amena. A Nova Geografia e a Geografia Nova perdem relativamente sua 'radicalida-

de', e a Geografia Humanista passa a ter maior atenção dos geógrafos brasileiros". Para além ou aquém da geografia humanista e cultural, os temas discutidos tradicionalmente dentro desses subcampos vão ganhar uma expressão maior na geografia como um todo. No caso dos trabalhos que tematizam a relação entre geografia e literatura, há autores que desenvolvem o tema mas não estão encerrados dentro da perspectiva desenhada por esses subcampos, como é o caso de Ruy Moreira (2011) e de Vitte e Coutinho (2010). Nosso levantamento bibliográfico também evidenciou textos publicados nos periódicos que não usavam a geografia cultural e a geografia humanista como base teórica e metodológica.

Sobre a Geografia Cultural Francesa

A partir das palavras de Paul Claval (2003), podemos afirmar que há uma abordagem cultural na geografia clássica vidaliana, principalmente no que diz respeito ao conceito de "gênero de vida". Paul Vidal de La Blache e seus discípulos se deterão em determinados aspectos da realidade que pontuam a pesquisa e o entendimento sobre questões que podem ser observadas a partir de uma perspectiva cultural, tais como, a descrição dos materiais utilizados na construção das habitações, informações que objetivam o entendimento da relação homem e meio. De acordo com Claval (2003, p.8), Jean Brunhes é outro geógrafo que faz parte desse movimento inicial da geografia francesa, e pode ser incluído nessa perspectiva, principalmente, em sua definição da geografia como sendo a "ciência da paisagem". Levando em consideração a geração posterior de geógrafos franceses, Claval destaca que Pierre Deffontaines foi o mais importante entre os geógrafos culturais franceses entre 1930 e 1960.

Dito isso, vale destacar que o movimento da abordagem cultural na França ganha força tardiamente se comparado com a geografia anglo-americana, só se realizando com mais intensidade a partir do início década de 1980. De acordo com Marc Brosseau (2007, pp.20-21), a entrada tardia acompanha também os trabalhos que pontuam a relação entre geografia e literatura. Esse atraso na inserção dos debates acerca da cultura, de forma mais específica, pode estar associado à intervenção do Partido Comunista Francês na produção intelectual dos geógrafos franceses. Essa perspectiva marxista de caráter mais ortodoxo entendia a cultura como um elemento da superestrutura, determinada pelas condições materiais da sociedade (infraestrutura). Tal observação[27], parece encontrar eco nas palavras do próprio Paul Claval (2003, p.9).

> Ainda no final dos anos 1970, muitos geógrafos são reticentes em relação à geografia cultural. Sugiro em 1980 organizar, no contexto da revista *L'Espace geographique*, um debate sobre o papel da cultura na geografia. Uma parte dos colegas estava preocupado em desenvolver esse campo de pesquisa, mas uma minoria era de opinião diferente. O partido comunista não tem mais a mesma penetração entre os geógrafos como nos anos 1950 ou início dos anos 1960, mas muitos colegas continuam marcados pelas ideias que aprenderam. Para eles, a cultura pertence às superestruturas, não parece, pois, como uma realidade primeira e essencial. As pesquisas de geografia econômica e social lhes parecem melhor convir com a disciplina.

Outro momento relevante, entre as décadas de 1930 e 1960, mas sem repercussão inicial na geografia francesa, é a publicação do livro de Eric Dardel, *O homem e a Terra*. Essa obra só vai ser redescoberta pelos geógrafos franceses na década de 1970, quando os debates acerca das questões culturais retornam à pauta com mais intensidade. Nessa obra, Eric Dardel (2011) amplia a noção do geográfico através do conceito de "geograficidade". A partir da perspectiva desenvolvida por Dardel, compreendemos que no diálogo com a arte a geografia aumenta a possibilidade de relação com os objetos da cultura, sobretudo a literatura.

Em linhas gerais, a partir das reflexões de Paul Claval (2003, p.12) podemos sistematizar a entrada dos estudos culturais com base numa perspectiva geográfica na França da seguinte forma: primeiramente, entre as décadas de 1970 e 1980 houve um interesse pela paisagem, e o geógrafo francês que vai despontar nesse debate é Augustin Berque. Através da obra

desse geógrafo podemos afirmar que sua reflexão sobre a paisagem como "marca" e como "matriz" permitiu que vários pesquisadores trabalhassem com esse conceito de uma forma relacional, pensando as múltiplas relações entre paisagem e cultura. A paisagem é o conceito central nesse momento inicial da retomada dos estudos em geografia cultural na França.

Nesse mesmo período, Claval (2003, p.11-12) realça a obra do geógrafo Armand Fremont "*Região: espaço vivido*", que vai desenvolver a relação entre o conceito de região e os grupos culturais. De acordo com Claval (2003), a noção de espaço vivido não foi alvo de teorizações sistemáticas pelos geógrafos. No entanto, foi a perspectiva mais popular entre os geógrafos franceses, através da qual esses pesquisadores e professores descobriram a abordagem cultural e geográfica desenvolvida na França a partir de 1980. Ainda vale destacar que através dessa via de desenvolvimento o pensamento geográfico francês estabeleceu diálogo com as abordagens fenomenológicas e abriu caminho para o diálogo com a obra de Eric Dardel *O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica*, e as reflexões do filósofo alemão Martin Heidegger. O terceiro momento está associado à obra do geógrafo Joel Bonnemaison, que desenvolve a relação entre os sentimentos de territorialidade e de identidade inicialmente associados ao estudo das religiões (Claval, 2003, p.13-14).

Enfim, esse mesmo pesquisador destaca que a partir da década de 1980 se multiplicaram os estudos associados à ideia de "percepção" e "representação", alguns deles relacionados ao turismo ou a fenômenos que estabelecem alguma ligação com o turismo. Também a partir desse momento as possibilidades de se desenvolverem leituras geográficas da realidade se multiplicam, como, por exemplo, uma "Geografia dos Restaurantes" ou uma "Geografia dos Odores".

Na década de 1990, prosseguem os estudos sobre paisagem, de Auguste Berque, e o filósofo Alain Roger também desenvolve reflexões acerca do mesmo assunto; Joel Bonnemaison, até sua morte precoce na década de 1990, também prossegue em suas reflexões sobre territorialidade e organiza um grande colóquio em torno dessa discussão; Diméo elabora uma visão sintética da geografia cultural em que relaciona questões subjetivas com sistemas econômicos e a organização da sociedade. A propósito deste último autor, Paul Claval (2003, p.19-20) destaca sua contribuição ao desenvolvimento da abordagem cultural na França. Claval cria no ano de 1980 um laboratório "centrado sobre o tema 'Espaço e Cultura'", e as pesquisas realizadas a partir desse momento levam à publicação do *La Geographie Culturelle* em 1995. O objetivo central da obra é "definir bem a especificidade da abordagem cultural", e para isso o autor sistematiza três linhas de pesquisa: a primeira pontua a necessidade de se compreender a comunicação entre grupos de intersubjetividade "e como os meios de troca utilizados pesam sobre as distribuições espaciais"; a segunda linha expressa a relevância de se pensar a cultura como um processo dinâmico, em que a relação da construção do "eu" ou da identidade pessoal estabelece um câmbio intermitente com a cultura local ou com a identidade coletiva; por último, estabelece uma linha de pesquisa que trabalha a intervenção da religião no desenvolvimento de uma perspectiva moral, daquilo que julgamos ser certo ou errado, do bem ou do mal.

Considerações Finais

Com base nas reflexões de Bertrand Levy (1997), propomos um balanço provisório envolvendo a geografia cultural e a geografia humanista. O autor não faz distinção entre a geografia cultural anglo-americana e a francesa, mas trabalha a diferença e a relação entre a geografia cultural e a humanista. Entendemos que essa característica de sua análise não compromete a sua contribuição, uma vez já identificado os dois subcampos da geografia que mais têm produzido sobre a relação geografia e literatura são a geografia cultural e a humanista.

Preliminarmente, vale lembrar que a distinção entre a geografia cultural americana e a geografia cultural francesa foi visualizada a partir da revisão bibliográfica e confirmada através da identificação das características históricas e teóricas filiadas a esses subcampos.

Para exemplificar, no cenário internacional, podemos indicar a importância de Yu-Fu Tuan na geografia humanista ou humanística, o nome de Carl Sauer na geografia cultural, ambas desenvolvidas em solo estadunidense, e de Paul Claval no desenvolvimento de uma abordagem cultural francesa a partir da década de 1980.

Acompanhando o cenário internacional, a revisão bibliográfica e o mapeamento teórico das tendências, indicam também que no Brasil houve entradas diferentes dos subcampos da geografia humanista e cultural. Diferentes pesquisadores foram responsáveis pela entrada desses subcampos nos processos de renovação da geografia ocorridos a partir da década de 1970.

A geografia humanista se insere a partir das traduções de Yu-Fu Tuan realizadas por Lívia de Oliveira (UNESP-Rio Claro); a geografia cultural ganha maior destaque a partir das pesquisas desencadeadas por Roberto Lobato (UFRJ) e Zeny Rosendahl (UERJ). No cenário brasileiro, de forma provisória, fica indicado que a geografia cultural americana e a abordagem cultural francesa parecem estar mais unificadas nos esforços do segundo grupo de pesquisa.

A partir disso, retomando as reflexões de Bertrand Levy (1997), vale destacar que a geografia humanista tem o foco de sua atenção mais direcionado para o indivíduo e a forma como este percebe os lugares e sua dimensão espacial. Neste sentido, a perspectiva humanista tem um diálogo mais amplo com a psicologia e com determinadas perspectivas filosóficas, tal como, a fenomenologia.

No que tange à geografia cultural, o autor nos permite afirmar que a própria polissemia do termo "cultura" conduz a um diálogo mais amplo com a condição social dos indivíduos. A diferença apresentada não exclui a possibilidade de se estabelecer relações entre esses subcampos, mas torna mais clara a possibilidade de relacioná-los e entender as suas atuações na produção acadêmica que tem se dedicado à relação entre geografia e literatura.

Bertrand Levy (1997) trabalha com uma concepção ampla de "cultura"; isso indica que a leitura da sociedade que assume a literatura como "objeto" pode inclinar-se tanto para a perspectiva do indivíduo quanto da sociedade, dependendo do autor escolhido, do foco narrativo e dos objetivos prévios do pesquisador. Levy (1997) encontra um ponto em comum com Marc Brosseau (2007), ao afirmar a importância de não trabalharmos com uma concepção "dura" de ciência que pode objetificar a literatura e tirar da mesma o seu caráter de "sujeito" no diálogo com o pesquisador.

No que diz respeito à relação entre objetividade e subjetividade, Bertrand Levy (1997) informa que dados estatísticos podem conduzir a uma interpretação da realidade tão enganadora quanto a literatura (arte), que a princípio não tem nenhum compromisso em tentar demonstrar a "verdade". Em outras palavras, a tensão entre objetividade e subjetividade permeia todos as produções humanas, seja na arte ou na ciência. Por fim, entendemos que a geografia cultural – americana ou francesa – e a geografia humanista ampliaram o leque temático da geografia brasileira e a produção sobre geografia e literatura.

Referências

BROSSEAU, Marc. Geografia e Literatura. In: LOBATO, Roberto; ROSENDAHL, Zeny (Org.). **Literatura, música e espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2007. p.20-21.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. A dança da natureza e a ruína da alma: geografia e literatura – uma leitura possível. **Revista Ateliê Geográfico,** Goiânia-GO, v.1, n.2, dez/2007, p.174-186.

CHAVEIRO, Eguimar Felício. O diálogo entre geografia e literatura: a representação de Goiânia na obra Viver é Devagar. **Revista Ateliê Geográfico,** Goiânia-GO, v.2, n.3, dez/2008, p.89-120.

CLAVAL, Paul. A evolução recente da geografia cultural de língua francesa. **Geosul**, Florianópolis, v.18, p. 8, jan./jun. 2003.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. A Geografia Cultural no Brasil. **Revista da ANPEGE**, nº 2, 2005.

CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. A Geografia Cultural Brasileira: uma avaliação preliminar. **Revista da ANPEGE**, v. 4, p.7-88, 2008.

DARDEL, Eric. **O Homem e a Terra**: natureza da realidade geográfica. Tradução de Werther Holzer. São Paulo. Perspectiva, 2011.

FERNANDES, Felipe Moura. Os annales de geografia e a geografia dos annales em Pierre Monbeig. 2009. **Dissertação**. (Mestrado em História Social do Território) – Faculdade de Formação de Professores, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

GALLO, Priscila Marchiori Dal; MARANDOLA JR. Ser e estar na cidade literária: as "Kyotos" de Kawabata. **Caderno de Geografia**, PUC-Minas, v.20, n.33, 2010, p.1-21.

HOEFLE, Scott Willian. Debates recentes na Geografia Cultural Anglo-Americana: uma apreciação antropológica e filosófica. **Espaço e Cultura**, UERJ, n. 8, p.75-87, ago/dez de 1999.

HOLZER, Werter. A geografia humanista: uma revisão. **Espaço e Cultura**, UERJ, n. 3, p.8-10, janeiro 1997.

LEVY, Bertrand. Geographie culturelle, geographie humaniste et literature: position épistémologique et métodologique. **Géographie et cultures**, n. 21, p.27-44, 1997.

LIMA, Angelita e CHAVEIRO, Eguimar Felício. **Revista de Geografia**, UFPE, V.28, No. 3, 2011, p.22-37.

MARANDOLA JR, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. (Org.) **Geografia & literatura**: ensaios sobre geograficidade, poética e imaginação. Londrina: Eduel, 2010.

MARANDOLA JR, Eduardo; OLIVEIRA, Lívia de Oliveira. Geograficidade e espacialidade na literatura. **Geografia**, Rio Claro, v.34, n.3, p.487-508, set/dez. 2009.

MARANDOLA JR, Eduardo; GRATÃO, Lúcia Helena Batista. Do sonho à memória: Lívia de Oliveira e a Geografia Humanista no Brasil. **Geografia**, Londrina, v. 12, jul./dez.2003.

MARANDOLA, Janaína de Alencar M. e S. **Caminhos de morte e de vida**: o geográfico e o telúrico no rio severino de João Cabral de Melo Neto. Londrina: Eduel, 2011.

MARTINS, Elvio Rodriguês. Geografia e ontologia: o fundamento geográfico do ser. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, n. 21, p. 33-51, 2007.

MONTEIRO, Carlos Augusto de Figueiredo. **O mapa e a trama**: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Florianópolis: Editora da UFSC, 2002.

MOREIRA, Ruy. **O pensamento geográfico brasileiro, vol. 1**: as matrizes clássicas originárias. São Paulo: Contexto, 2008.

MOREIRA, Ruy. Sertões: o universal no regionalismo de Graciliano Ramos, Mário de Andrade e Guimarães Rosa. In: MOREIRA, Ruy. **Pensar e Ser em Geografia**. São Paulo: Contexto, 2011. p.143-159.

MOREIRA, Ruy. Assim se passaram dez anos: a renovação da geografia brasileira no período de 1978-1988. **Geographia**, Ano II, n. 3, Junho de 2000.

NETA, Maria Amélia Vilanova. Decifrando o espaço a partir da literatura. **Espaço e Cultura**, UERJ, n. 17-18, p. 107-118, jan/dez de 2004.

NETA, Maria Amélia Vilanova. Representações literárias da metrópole: uma contribuição ao estudo urbano em geografia cultural. **Espaço e Cultura**, UERJ, n. 25, p.85-96, jan/jun de 2009.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: Edusp, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **O que é, afinal, Estudos Culturais?**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

SUZUKI, Júlio César. Geografia e literatura: uma leitura de cidade na obra de Paulo Leminsky. **Revista da ANPEGE**, v. 2, n. 2, p. 115-141, 2005.

SUZUKI, Júlio César. O espaço na narrativa: uma leitura do conto "preciosidade". **Revista do Departamento de Geografia**, USP, v.19, p.54-67, 2006.

VITTE, Antônio Carlos; COUTINHO, Giulliano. Macunaíma: natureza e formação territorial na constituição da identidade nacional brasileira. In: MARANDOLA JR., Eduardo; GRATÃO, Lúcia H. (Org.) **Geografia e Literatura**: ensaios sobre a geograficidade, poética e imaginação. Londrina: Eduel, 2010. p. 207-240.

Notas

1. Boletim Gaúcho de Geografia – AGB/PortoAlegre.
2. Os textos foram coletados dos sites dos periódicos entre os meses de janeiro e março de 2015.
3. Nesse ano só está disponível o periódico vol. 23 nº 3. O site indica que os números anteriores, de 1976 até 1998, estão em processo de digitalização.
4. Nesta revista os números e volumes dos periódicos disponíveis on-line coincidem com o ano de fundação do periódico em 2007.
5. A data dos números e volumes on-line também coincide com o ano de fundação do periódico em 1995.
6. No Caderno de Geografia (PUC-Minas Gerais) está disponível on-line apenas os volumes e números a partir de 2007. No entanto, o próprio site adverte que os números publicados a partir da década de 1990 estão em processo de digitalização.
7. Trabalhamos com a lista da CAPES disponível em janeiro de 2015. Ver: https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/veiculoPublicacaoQualis/listaConsultaGeralPeriocos.jsf_
8. Para consultar a lista de periódicos montada pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNB ver o site: http://www.posgea.unb.br/revistas.
9. Já era de nosso conhecimento que a geografia humanista e a geografia cultural têm mais tradição na aproximação da geografia com a literatura, mas tivemos o cuidado de usar palavras-chave que ampliassem a pesquisa, uma vez que a busca que realizamos não é sobre geografia humanista/cultural e sim sobre a produção que pontua a relação entre geografia e literatura na geografia brasileira.
10. Um dos critérios utilizados pelo sistema QUALIS/CAPES para avaliar os periódicos é a permanência da publicação ou a garantia da manutenção da publicidade, seja bimestral, trimestral ou semestral. Como adotamos como base valorizar, não só a produção em geografia e literatura, mas igualmente a sua circulação, o critério de manutenção da periodicidade ganha importância. Isso não significa que estamos de acordo com a classificação e a hierarquização dos periódicos. Em nossa compreensão esse tipo de classificação instiga um produtivismo acadêmico em que nem sempre a quantidade consegue acompanhar a qualidade. Além disso, um periódico mais "artesanal" e menos profissional pode congregar, em poucos números, textos de grande contribuição para uma determinada comunidade acadêmica. No entanto, se ele não mantiver a sua periodicidade não alcançará o topo da lista QUALIS/CAPES.
11. Apesar de constar na lista do Sistema Qualis, o link do Caderno Geográfico (UFSC) se encontra off-line.

12. A Revista Ciência Geográfica (AGB-Bauru) apresentava apenas três números on-line: maio-agosto e setembro-dezembro de 2003 e um número de dezembro de 2013.
13. No período da consulta on-line, a Revista Geografia e Ensino só havia disponibilizado suas revistas até o ano de 2013.
14. A Revista Espaço & Cultura só havia disponibilizado suas revistas até o ano de 2013 no período da consulta on-line.
15. A Revista da ANPEGE só havia disponibilizado suas revistas até o ano de 2013 no período da consulta on-line.
16. Para a execução dessas duas etapas, foi necessário realizar a leitura dos 37 (trinta e sete) textos selecionados entre os 32 (trinta e dois) periódicos pesquisados.
17. A tabela integral não cabe nesse formato de texto. Para mais detalhes acessar os anexos da tese pelo link: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-22052017-113003/pt-br.php
18. Vale destacar que só consideramos uma incidência por texto. Por exemplo, o texto X pode conter três livros sobre Geografia Cultural, mas na contagem das incidências teóricas só vai contar uma.
19. Entre esses discursos de renovação, destacamos a geografia crítica (França), a geografia radical (EUA), a geografia humanista (EUA) e a geografia cultural (EUA e França).
20. Ambos os autores são protagonistas na inserção e no desenvolvimento da Geografia Cultural Anglo-Americana no Brasil.
21. Vale destacar que o professor e pesquisador Roberto Lobato fez parte do movimento de renovação crítica da geografia brasileira. Sua proximidade com a Geografia Cultural se deu a partir do início da década de 1990.
22. O periódico Espaço & Cultura (UERJ-NEPEC), lançado por esse grupo, em 1995, ficou em primeiro lugar em número de publicações desenvolvendo a relação entre Geografia e Literatura, num empate com a Revista Ateliê Geográfico (UFG-IESA), ambos com seis textos publicados ao longo do período consultado on-line.
23. De acordo com Marandola Jr.; Gratão (2003, p.5;10): "Das três grandes orientações teórico-metodológicas da Geografia no início desse século, a que teve menor atenção dos geógrafos brasileiros, até agora, é a que se vincula à geografia humanista". Mais adiante os autores acrescentam: "As bases da Geografia humanista – ou Humanística, como a chama Tuan (1982) – foram lançadas nos Estados Unidos por um grupo de geógrafos que se mostravam descontentes com o princípio lógico e do *optimum* econômico na condução das ações humanas e de sua relação espacial. Estes geógrafos começaram a utilizar-se de diversas fontes para enriquecer a perspectiva geográfica e para ampliar o entendimento da condição humana sob a Terra. Entre as influências estão a Psicologia, a Antropologia, a História e a própria Filosofia".
24. Pelo período das publicações indicadas acreditamos que o livro de Antonio Christofoletti (1985) seja a coletânea de textos traduzidos e organizados pelo autor no livro *Perspectivas da Geografia*.
25. Ainda de acordo com a reflexão desses autores, parece estar claro que a UNESP-Rio Claro, além de concentrar geógrafos associados à geografia quantitativa, também vai se tornar um polo difusor da geografia humanista.
26. Acrescentamos o nome do professor ao qual Roberto Lobato se refere como "ele".

27. As leituras e o cruzamento dos textos trabalhados até aqui fazem reforçar a hipótese: a intervenção do Partido Comunista Francês (PCF) na produção dos geógrafos e a orientação católica dos geógrafos associados à produção de uma geografia cultural – tal como é o caso de Pierre Deffontaines – provocaram o afastamento dos geógrafos franceses das temáticas que dialogam com os objetos da cultura, tais como: geografia e literatura. Como a matriz do pensamento geográfico brasileiro, de acordo com Moreira e Lobato, é, fundamentalmente, de extração francesa até a década de 1990, os geógrafos brasileiros replicaram essa avaliação da Geografia Cultural feita na França. Quando nos afastamos da produção geográfica francesa, na virada da década de 1970 e início de 1980, e nos aproximamos um pouco da geografia produzida nos países anglo-americanos, percebemos que há um diálogo entre a teoria crítica e a produção de uma geografia cultural. De forma específica, essa observação está ligada ao movimento da geografia cultural anglo-americana, e não da geografia humanista, que está mais centrada no indivíduo. Desenvolveremos as relações entre esses subcampos mais adiante. Ver: Moreira (2008); Lobato (2005).